



Influências da vocalização da lateral /l/ na escrita de alunos do 3º e 4º ano do Ensino Fundamental

Influences of Lateral /l/ Vocalization in the Writing of 3rd and 4th Grade of Elementary School Students

Rosemari Lorenz Martins

Universidade Feevale (FEEVALE), Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul / Brasil
rosel@feevale.br

Bruna Melo de Lima

Universidade Feevale (FEEVALE), Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul / Brasil
bruna.melo_@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem como tema a vocalização da lateral /l/ e a possível influência dessa vocalização na escrita. Para discutir esse tema, estabeleceu-se como objetivo geral investigar em que medida a vocalização da lateral /l/ na fala influencia a escrita de 40 alunos do 3º e 4º anos do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Alvorada/RS. Além disso, verificaram-se também os contextos linguísticos e sociais favorecedores da vocalização da lateral /l/ e da substituição do grafema que representa o fonema /l/ por outros grafemas. Para tanto, foram coletadas amostras de fala e de escrita que foram analisadas conforme a teoria da variação linguística. A análise dos dados revelou que a vocalização do fonema /l/ é mais frequente na fala (36,7%) do que a substituição do grafema “l” pelo grafema “u” na escrita (20,5%). No que diz respeito aos contextos linguísticos e sociais que poderiam condicionar a vocalização do fonema /l/ ou a substituição do grafema que representa o fonema /l/ (“l”) pelo grafema “u”, o programa de análise estatística selecionou como relevante tanto para os dados de fala quanto para os de escrita somente a variável de contexto fonológico precedente. Os fatores que se mostraram favoráveis para a vocalização do /l/ na fala foram os contextos fonológicos precedentes /e/ (0,769) e /a/ (0,730), e os que se mostraram favorecedores

para a substituição do grafema que representa o fonema /l/ pelo grafema “u” foram os contextos fonológicos “e” (0,737); “o” (0,723) “i” (0,633); e “a” (0,609).

Palavras-chave: escrita; fonética; fonologia; oralidade; variação linguística.

Abstract: The present study draws on the vocalization of the lateral /l/ and the possible influence of this vocalization on the writing process. In order to address this theme, it was established as a general objective to investigate to what extent the influence of the lateral /l/’s vocalization occurs in the writing of 40 elementary school students from 3rd and 4th grades at a school in the municipality of Alvorada/RS. Furthermore, the social and linguistic contexts which favor the vocalization of the lateral /l/ and the substitution of the grapheme representing the phoneme “l” by other graphemes were also verified. Thus, speech and writing samples were collected, being analyzed according to the linguistic variation theory. The data analysis showed that the vocalization of the phoneme /l/ is more frequent in speech (36.7%) than the substitution of the grapheme “l” by other writing graphemes (20.5%). Concerning the linguistic and social data contexts which may restrain the vocalization of the phoneme /l/ or the substitution of the grapheme representing the phoneme /l/ (“l”) by other graphemes, the data analysis showed that only the preceding phonological context variable was relevant to both speech and written data. The factors that proved to be favorable for vocalization of /l/ in speech were the preceding phonological contexts /e/ (0.769) and /a/ (0.730), and the phonological contexts “e” (0.737); “o” (0.723) “i” (0.633); e “a” (0.609) those favored substitution of the grapheme representing the phoneme /l/ by other graphemes.

Keywords: writing; phonetics; phonology; orality; linguistic variation.

1 Considerações iniciais

A influência da fala na escrita de alunos durante a aquisição da escrita é um dos desafios enfrentados no processo de aprendizagem. Muitas vezes, pela falta de conhecimento dos docentes, essa influência pode ser compreendida como erro, visto que a escrita da criança não está de acordo com a norma padrão (CAGLIARI, 2002). Um dos fenômenos da fala que influencia a escrita é a vocalização, um processo fonológico em que uma consoante é transformada em vogal quando ocupa determinadas posições em uma palavra, tal como acontece com o fonema /l/ em palavras como “mel”, “calça” e “bolsa”, nas quais o fonema /l/, em final de sílaba ou em final de palavra, é produzido como /w/ (HORA,

2006). Nesse contexto, este trabalho tem como tema a vocalização da lateral /l/ na fala e a influência desse fenômeno na escrita.

Estabeleceu-se como objetivo geral verificar se a vocalização da lateral /l/ na fala influencia a escrita de estudantes de 3º e 4º anos¹ do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Alvorada/RS. E, como objetivos específicos, investigar os contextos linguísticos e sociais que condicionam a vocalização do fonema /l/ na fala e a troca do grafema “l” na escrita das crianças investigadas. Para atender aos objetivos estabelecidos, foram coletados dados de fala e de escrita das crianças, os quais, depois de organizados e analisados sob a perspectiva da linguística variacionista de Labov (1972), foram comparados.

Compreender se a vocalização do fonema /l/ na fala das crianças influencia a escrita delas e identificar os contextos linguísticos e sociais que favorecem essa vocalização contribui para a compreensão do processo de aquisição da escrita e, conseqüentemente, para o processo de ensino e aprendizagem. Isso porque, de acordo com as observações acerca das reações dos professores com as produções escritas dos alunos feitas por Simões (2006, p. 49), os professores muitas vezes não possuem conhecimentos sistemáticos dos aspectos fonético-fonológicos da Língua Portuguesa, já que, para alguns, “a dificuldade ortográfica é algo que se resolve com o tempo e com o uso frequente das formas escritas da língua”, enquanto para outros “a grafia incorreta é marca de incompetência linguística grave” (SIMÕES, 2006, p. 49). Todavia, para Tasca (2002), o sujeito depara-se com interferências do sistema fonológico no início do processo de aprendizagem da leitura e escrita, por isso é de extrema importância trabalhar os sons vocálicos e consonantais e sua organização em unidades maiores e também com as relações entre fala e escrita.

2 Influências da fala na escrita

É inegável a importância que a escrita tem para os povos e para as civilizações, porém continuamos utilizando, e muito, a fala. O grande meio de expressão e comunicação sempre será a fala. Como prática social, a oralidade é inerente ao ser humano e não poderá ser substituída por nenhuma tecnologia (MARCUSCHI, 2007). Ainda segundo

¹ O 3º ano foi escolhido por ser o último ano do processo de alfabetização e o 4º ano por ser o primeiro do ciclo seguinte.

Marcuschi (2007), as semelhanças entre fala e escrita são maiores que as diferenças, contrariando o pensamento de outros tempos, quando “a escrita era tida como estruturalmente elaborada, complexa, formal e abstrata, contrapondo-se à fala, que era considerada concreta, contextual e estruturalmente simples” (TASCA, 2002, p. 30-31).

Para adquirir o domínio da escrita, que não ocorre de imediato, é preciso praticar a língua, tanto por meio da leitura quanto da escrita, pois, quando a criança começa a escrever, o modelo de texto que ela possui é o texto oral (KOCH, 1997). Sendo assim, é natural que as crianças escrevam como falam, representando todos os sons da fala na escrita, por não terem uma noção total do que realmente é a escrita, que, para elas, é inicialmente apenas a representação do texto oral (CAPISTRANO, 2007).

A natureza da relação entre fala e escrita, contudo, tem sido bastante discutida. Conforme Abaurre (1999, p. 172), é ingênuo afirmar que as crianças procuram “produzir uma escrita ‘colada’ na oralidade, de forma a representar, através das letras, os próprios sons da fala”. A tese contrária, de que a escrita tem total autonomia com relação à oralidade, por outro lado, também é ingênua, pois, de acordo com a pesquisadora, nesse caso “as práticas da escrita estariam totalmente ‘imunes’ aos efeitos da oralidade, por se tratar de modalidade que ao longo do seu percurso evolutivo teria já rompido quaisquer vínculos com o oral” (ABAURRE, 1999, p. 172). Ainda de acordo com a pesquisadora, nem sempre a escrita da criança representa exclusivamente a forma como ela fala, pois, às vezes, reflete a forma como ela pensa sobre a estrutura da língua que fala e sobre sua forma de representação na escrita.

A partir da análise de textos de escrita espontânea, Abaurre (1999, p. 173) concluiu que “a modalidade escrita é autônoma com relação à modalidade oral, mas, em certas circunstâncias, pode haver uma interação entre os fatos da oralidade e as formas que assume a escrita”. Essa hipótese, se verdadeira, pode explicar naturalmente as duas teses levantadas pela pesquisadora (ABAURRE, 1999).

Dessa forma, para compreender a escrita inicial das crianças é preciso considerar, por um lado, que existe uma relação intrínseca entre a oralidade e a escrita porque, segundo Mezzomo, Boli Mota e Dias (2010), as operações de processamento da escrita baseiam-se, inicialmente, na estrutura fonológica da língua oral, de forma que as alterações fonológicas presentes na fala influenciam diretamente a escrita, o que pode acarretar dificuldades na conversão fonema-grafema, refletindo, dessa forma,

desvios da fala na escrita. Por outro lado, é preciso ter claro que a escrita não é um espelho da fala, conforme Cagliari (2002), porque não há uma relação biunívoca entre os símbolos gráficos da escrita do português e os sons da fala. Nessa perspectiva, os erros ortográficos são, segundo Abaurre e Silva (1993) e Cagliari (2002), estratégias que o aprendiz utiliza para apropriar-se da linguagem escrita.

Sendo assim, para compreender a substituição do grafema “l” pelo grafema “u” na escrita das crianças investigadas, além de entender como se dá a relação entre a fala e a escrita, é preciso conhecer os processos fonológicos implicados na fala desses sujeitos. Isso porque tais processos podem estar influenciando sua produção escrita.

3 Aquisição do fonema /l/

O fonema /l/ caracteriza-se, no sistema fonológico do português, como uma consoante líquida. Há dois tipos de líquidas, as laterais (/l/ e /ʎ/) e as não laterais (/r/ e /r̄/). Esses segmentos são produzidos a partir da oclusão parcial da corrente de ar na cavidade oral. No caso das líquidas laterais, a oclusão é causada pela língua, o que faz com que o ar saia pelos lados da boca. Quando tal obstrução é feita pela ponta da língua em direção aos alvéolos, ocorrendo um escape lateral, temos a lateral /l/, como na palavra “vela”. As líquidas são os últimos fonemas a serem adquiridos no português e, dentro desse grupo, as laterais são adquiridas antes das não laterais (MEZZOMO; RIBAS, 2004, p. 96).

Além da aquisição das líquidas ser marcada pelo domínio mais tardio, observa-se frequentemente o uso de diferentes processos fonológicos durante o período de aquisição na tentativa de produzi-las. Tanto no português brasileiro como em outros sistemas linguísticos, o que pode justificar a aquisição tardia das líquidas é o fato de esta classe ser bastante complexa, tanto do ponto de vista articulatorio quanto do fonológico (MEZZOMO; RIBAS, 2004, p. 95).

A líquida lateral alveolar /l/ é a primeira a se estabilizar na fala das crianças, por volta dos dois anos e seis meses e dos três anos, tanto em crianças que sofrem influência de outras línguas, tal como alemão e italiano, como em crianças sem essa influência. Esse fonema pode substituir, durante o processo de aquisição fonológica, qualquer das outras líquidas, em todas as posições da sílaba e da palavra (MEZZOMO; RIBAS, 2004, p. 99).

Ao longo do processo de domínio do fonema /l/, Azambuja (1998 *apud* MEZZOMO; RIBAS, 2004) observou três estratégias:

- apagamento do segmento e da sílaba (processo mais significativo), como em ‘te[Ø]visão’ para “televisão”;
- semivocalização, fortemente representada por /j/ ou por /w/, o que ocorre porque os vocoides são semelhantes ao /l/ quanto à composição de traços como em ‘me[j]’ para “mel” ou ‘jorna[w]’ para “jornal”;
- substituição (processo menos significativo) por /n/ e /r/, como em ‘[n]apis’ para “lápiz” ou ‘ka[r]u’ para “calo”.

Cabe destacar, contudo, que a substituição de /l/ por /n/, como na palavra “colchão”, produzida como ‘co[n]chão’, é esperada, pois as nasais são adquiridas antes das laterais. Já a substituição de /l/ por /r/, como em ‘p[r]anta’ para “planta”, é pouco esperada, porque a aquisição de /r/ é posterior à de /l/, mas pode ser explicada, devido ao fato de /l/ e /r/ partilharem todos os traços de raiz, distinguindo-se apenas pelo traço contínuo da cavidade oral.

De modo semelhante como ocorre na fala, o grafema que representa o fonema /l/ também pode ser substituído por outros grafemas ou mesmo ser omitido na escrita. Para Costa (2010), no momento em que a criança escreve, ela imagina que o certo seria escrever da mesma forma como falamos, representando todos os sons da fala na escrita, distanciando-se da norma culta, o que mostra que a fala pode influenciar a escrita no início do processo de sua aquisição.

4 Metodologia

A pesquisa realizada para este trabalho objetivou investigar em que medida a vocalização do fonema /l/ influencia a escrita de 40 crianças de 3º e 4º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Alvorada/RS: 20 do 3º ano, 10 meninas e 10 meninos; e 20 do 4º ano, 10 meninas e 10 meninos, todos monolíngues. Além disso, também foram investigadas quais variáveis linguísticas e sociais favorecem a ocorrência da vocalização desse fonema na fala e a substituição do grafema que representa esse fonema por outros grafemas na escrita.

O instrumento utilizado para a coleta de dados de fala foi um conjunto de 15 cartazes com imagens que representavam palavras com a lateral /l/ em final de sílaba ou no final da palavra, todas conhecidas das crianças (alface, anel, anzol, asa-delta, azul, bolsa, calça, colchão, filmagem, filme, funil, jornal, pulseira, pulso, selvagem). As imagens foram mostradas às crianças, individualmente, para que produzissem o nome da figura representada. Todas as interações foram gravadas e transcritas posteriormente da forma como as crianças produziram as palavras-alvo.

Já para a coleta dos dados de escrita foram usadas 15 frases contendo as palavras dos cartazes utilizados para a coleta dos dados de fala, que foram ditadas para os alunos (1. A alface é uma salada muito saudável. 2. Perdi o anel da minha mãe. 3. O pescador perdeu o anzol na água. 4. Voei de asa-delta nas férias. 5. O azul é uma cor agradável. 6. A bolsa da professora é preta. 7. A calça do menino está rasgada. 8. Compramos o colchão da promoção. 9. A filmagem da novela foi ontem. 10. Assistimos a um filme ótimo. 11. Usei um funil para encher a garrafa. 12. Minha mãe sempre lê o jornal pela manhã. 13. Ganhei uma pulseira de aniversário. 14. A criança quebrou o pulso quando brincava. 15. O selvagem morava na floresta.).

Na sequência, as palavras-alvo foram copiadas da forma como foram escritas pelas crianças. Concluída a coleta, todos os dados foram organizados, codificados e analisados, utilizando-se o programa de análise estatística Goldvarb X.

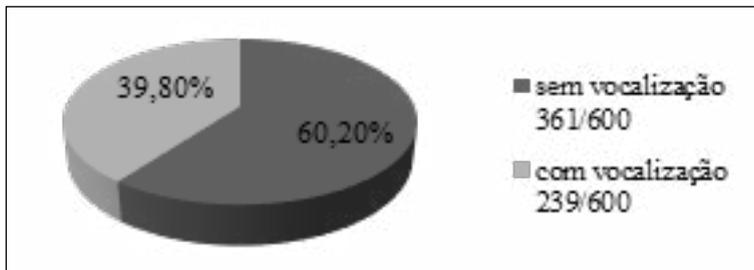
Para a análise, estabeleceu-se como elemento de composição da variável dependente a vocalização do fonema /l/ e a substituição do grafema que representa o fonema /l/ por outro grafema, que não o “l”, e a não vocalização do fonema /l/ e a escrita do grafema que representa o fonema /l/, “l”, nas amostras de fala e de escrita das crianças participantes da pesquisa, respectivamente. Para examinar o papel dos possíveis condicionadores linguísticos e sociais para a realização do processo em exame, estabeleceram-se como variáveis independentes linguísticas o contexto fonológico anterior à lateral /l/ (contexto fonológico /a/, como na palavra “alface”; /ɛ/, como em “anel”; /i/, em “filme”; /ɔ/, em “anzol”; e /u/, em “pulseira”), a tonicidade (sílabas átonas, como em “selvagem” ou “colchão”, ou tônicas, como em “filme” ou “jornal”) e a posição na palavra morfológica (meio de palavra, como nas palavras “filme” e “pulso”, ou final de palavra, como nas palavras “azul” e “jornal”),

uma vez que, segundo trabalhos realizados por Tasca (2002), Costa (2004), Sá (2007) e Nedel (2009), as variáveis que mais influenciam a vocalização são a tonicidade e o contexto fonológico anterior à lateral /l/; e, como variáveis independentes sociais, as dimensões sexo (masculino e feminino) e escolaridade (3º ano do ensino fundamental e 4º ano do ensino fundamental), identificadas como relevantes para a vocalização do /l/ por Nedel (2009), que verificou que os informantes do sexo feminino tiveram maior frequência de variação da lateral, e Tasca (2002), cujos resultados confirmaram que, com o avanço da escolaridade, houve um desfavorecimento em relação à grafia de “u” no lugar de “l”, respectivamente.

5 Apresentação e discussão dos resultados

A análise das amostras de fala e escrita das crianças participantes da pesquisa revelou uma frequência global de vocalização do fonema /l/, como na produção de ‘anzo[w]’ para “anzol” ou de ‘co[w]chão’ para “colchão”, em 36,7% dos dados (220/600),² conforme pode ser visualizado no Gráfico 1 que segue:

GRÁFICO 1 – Frequência global de vocalização do fonema /l/



Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras

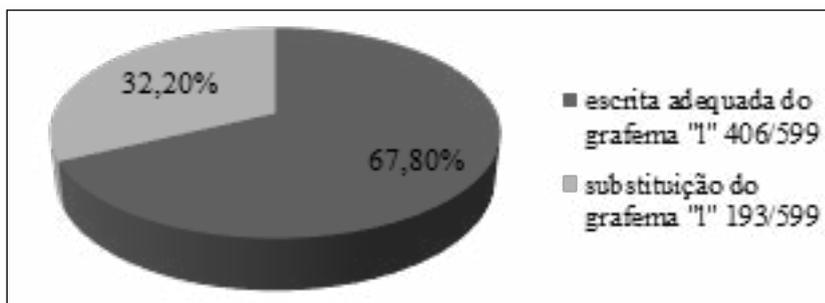
Na maior parte dos dados coletados (63,3% – 360/600), contudo, conforme mostra o Gráfico 1, não houve vocalização do /l/. Esse resultado é praticamente oposto ao de Nedel (2009), que, nas 1.048 palavras analisadas, verificou vocalização em 644 (61%). Nedel, no entanto,

² Todas as crianças participantes da pesquisa produziram todas as palavras-alvo (40 informantes x 15 palavras-alvo = 600 palavras).

verificou também outros tipos de realizações, como o apagamento, que ocorreu em 32 produções (3%); o rotacismo [r], verificado em 47 (4%) palavras; a lateral velar [ʎ], verificada em 118 (11%) palavras e a lateral alveolar [l], o que foi identificado em 207 palavras (20%). Nesta pesquisa, houve apagamento em 15 produções (2,5%), percentual semelhante ao verificado por Nedel; 4 substituições por /n/ (0,7%), fenômeno não identificado por Nedel; produção da lateral velar [ʎ] em 48 (8%) palavras, resultado também semelhante ao verificado por Nedel, e da lateral alveolar [l], o que foi identificado em 313 palavras (52,1%), resultado bem diferente ao verificado na pesquisa de Nedel.

A frequência global das substituições do grafema que representa o fonema /l/ pelo grafema “u” (vocalização), como na escrita de ‘anzou’ para “anzol” foi menor do que a frequência da vocalização na fala: elas ocorreram em 124 das 599³ palavras analisadas, o que equivale a 20,50%; já a escrita correta do grafema “l” e a troca do grafema “l” por outros grafemas, como na escrita de ‘conchão’ para “colchão”, ocorreu em 476 das 599 analisadas, o que equivale a 79,5%. A frequência global das trocas de grafemas pode ser visualizada no Gráfico 2 a seguir.

GRÁFICO 2 – Frequência global da troca do grafema “l” por “u”



Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras

Comparando-se os resultados obtidos para a análise dos dados de fala e de escrita, verifica-se que os percentuais de vocalização do fonema /l/ (36,7%) e de substituição do grafema “l” por “u” (20,5%) são significativos. Além disso, há uma diferença importante entre os

³ Uma palavra foi excluída porque estava ilegível.

percentuais de vocalização (16,2%), o que não parece ser um indício de influência da fala na escrita.

Analisando-se os dados em que não ocorreu a troca do grafema que representa o fonema /l/ (“l”) por “u” (vocalização), tem-se que 124 das 599 palavras coletadas foram escritas corretamente (20,7), mas, em 40 palavras (6,6%), houve apagamento do grafema que representa o fonema /l/ e, em 29 palavras (4,8%), esse grafema foi substituído por outros grafemas (por “n” em 18 casos, como na escrita de ‘conchão’ para “colchão”; por “m” em 6 casos, como na escrita de ‘comchão’ para “colchão”; e por “ão” em 4 casos, como na escrita de ‘jornão’ para “jornal”).

Na Tabela 1, que segue, pode ser visualizada a comparação entre os resultados das análises dos dados de fala e de escrita.

TABELA 1 – Tipo de substituição

Fatores	Fala Aplicação/ total	Fala Porcentagem	Escrita Aplicação/ total	Escrita Porcentagem
1 /w/ “u”	220/600	36,7%	123/599	20,5%
2 “outras”	4/600	0,7%	29/599	4,8%
3 (Ø)	15/600	2,5%	40/599	6,7%
4 produção/escrita esperada/correta	361/600	60,1%	407/599	68%

Fonte: elaborado pelas pesquisadoras

Analisando-se a Tabela 1, vê-se que, em boa parte dos dados, tanto na fala (60,1%) quanto na escrita (68%), as palavras foram produzidas/ escritas conforme o esperado. No que diz respeito à vocalização, o fenômeno foi mais frequente na fala (36,7%) do que na escrita (20,5%). O percentual de apagamento do fonema/grafema em estudo também foi diferente na fala (2,5%) e na escrita (4,8%), assim como a troca por outros fonemas/grafemas (fala: 2,5%; escrita: 6,7%).

A análise das variáveis linguísticas independentes revelou a variável contexto fonológico anterior como relevante tanto para a vocalização do fonema /l/ quanto para a substituição do grafema “l”. Os resultados obtidos para essa análise podem ser visualizados na Tabela 2.

TABELA 2 – Contexto Fonológico Anterior ao fonema /l/ e ao grafema “l”

Fatores	Vocalização do fonema /l/ / Total	%	Peso relativo	Substituição do grafema “l” / Total	%	Peso Relativo
A	80/120	66,7%	0,730	24/120	20%	0,609
E	85/120	70,8%	0,769	37/120	30,8%	0,737
I	19/120	15,8%	0,177	26/120	21,7%	0,633
O	36/120	30%	0,341	35/119	29,4%	0,723
U	0/120 ⁴			1/120 ⁵	0,8%	0,049
Total	220/600	45,8%		123/599	20,5%	
Input = 0,159				Significance = 0,001		

Fonte: elaborado pelas pesquisadoras

Observando-se a Tabela 2 verifica-se que, no que tange ao contexto fonológico anterior, a vocalização foi mais frequente quando a vogal que antecedia a lateral era “e”, como em ‘de[w]ta’ para “delta”, o que ocorreu em 85 das 120 palavras-alvo investigadas, o que equivale a 70,8% e a um peso relativo de 0,769. Esse contexto precedente também foi encontrado como favorecedor para a vocalização da lateral /l/ na pesquisa de Tasca (2002), que encontrou como contextos favorecedores para a vocalização as vogais “a”, “e” e “o”, com 854 ocorrências em 5.540 palavras, o equivalente a 15% e a um peso relativo de 0,65. Em segundo lugar, ficou a vogal “a”, como na palavra ‘ca[w]ça’ para “calça”, com 80 ocorrências em 120 palavras-alvo, o equivalente a 66,7% e a um peso relativo de 0,730. Esse fator, o segundo mais favorável nesta pesquisa, apareceu como favorecedor da vocalização da lateral /l/ nas pesquisas de Costa (2004), com 240 ocorrências em 245 possibilidades, o que equivale a 98% e a um peso relativo de 0,74; no trabalho de Sá (2007), em que o contexto anterior “a”, com peso relativo de 0,73, foi favorecedor da

⁴ Não foram identificadas vocalizações quando o contexto fonológico anterior do fonema /l/ era /u/, como na palavra “pulseira”.

⁵ O grafema “l” foi substituído em apenas uma palavra quando o contexto fonológico anterior era o /u/. Isso ocorreu na escrita de ‘pouço’ para “pulso”.

vocalização em 90% das palavras analisadas; e, ainda, na pesquisa de Nedel (2009), em que a vocalização esteve presente em 364 das 621 palavras analisadas, o equivalente a 58% e a um peso relativo de 0,51.

Considerando-se os pesos relativos, essas duas vogais mostraram-se contextos propícios para a vocalização, enquanto os contextos investigados “o” e “i”⁶ mostraram-se pouco favorecedores, com peso relativo de 0,341 e 0,177, respectivamente. O contexto “o” propiciou a vocalização em 36 das 120 palavras-alvo analisadas, o equivalente a 30%; e o contexto “i” favoreceu a vocalização em 19 das 120 palavras-alvo, o que equivale a 15,8%.

No que diz respeito à escrita, a Tabela 1 mostra que os contextos fonológicos anteriores “e”, “o”, “i” e “a” favoreceram a substituição do grafema “l” por “u”, com 37 ocorrências em 120 palavras-alvo analisadas, o que equivale a 30,8% e a um peso relativo de 0,737 para o “e”; 35 ocorrências em 119 palavras analisadas, o que equivale a 29,4% e a um peso relativo de 0,723, para o “o”; 26 ocorrências em 120 palavras para o “i”, o equivalente a 21,7% e a um peso relativo de 0,633; e 24 ocorrências em 120 palavras para o “a”, o equivalente a 20% e a um peso relativo de 0,609. O contexto “u” mostrou-se bem pouco favorável à substituição de “l” por “u”, com uma porcentagem de 0,8% e peso relativo de 0,049.

Comparando-se os resultados obtidos para a análise dos dados de fala com os obtidos para a análise dos dados de escrita, verifica-se que os contextos favoráveis para a vocalização do fonema /l/ (contexto fonológico anterior /e/ (peso relativo 0,769) e /a/ (peso relativo 0,730)) também favoreceram a substituição do grafema “l” que representa o fonema /l/ por “u” (contexto fonológico anterior “e” (peso relativo 0,737); “a” (peso relativo 0,609); “o” (peso relativo 0,723); e “i” (peso relativo 0,633)). A semelhança entre o peso relativo obtido para o contexto que mais favoreceu a vocalização na fala (“e”, peso relativo 0,769) e na escrita (“e”, peso relativo 0,737) poderia sugerir que as substituições do “l” por “u” realizadas na escrita poderiam resultar de influência da fala na escrita. Contudo, o fato de o segundo contexto mais favorável para a fala (“a”) não ser o mesmo que o da escrita (“o”) e também de os contextos “i” e “o” serem favoráveis para a vocalização na escrita, mas

⁶ Não foi verificada vocalização em palavras em que o contexto fonológico anterior ao fonema /l/ fosse /u/, como em “pulseira”.

não na fala, pode indicar que a vocalização não decorra da influência da fala na escrita.

Os resultados obtidos para as outras duas variáveis linguísticas analisadas, tonicidade e posição na palavra morfológica, não podem ser comparadas porque a variável tonicidade foi selecionada como relevante pelo programa de análise estatística somente para a amostra de fala (que revelou a posição átona como contexto favorecedor da vocalização da lateral /l/, pois, em 160 possibilidades, as crianças investigadas vocalizaram o /l/ em 97 casos, o equivalente a 60,6% de vocalizações e a um peso relativo de 0,690, enquanto a vocalização em sílaba tônica ocorreu em apenas 38,4% das possibilidades (123/320) o que equivale a um peso relativo de 0,401) e a variável escolaridade foi selecionada apenas para a amostra de escrita (os alunos do 3º ano mostraram-se mais favoráveis (peso relativo 0,585) à vocalização do que os do 4º ano (peso relativo 0,415)). Enquanto no 3º ano houve 77 substituições em 300 palavras, o que equivale a 25,7%, no 4º ano houve apenas 46 substituições em 299 palavras, o equivalente a 14,4%. Isso revela que o 3º ano mostra-se favorecedor para a substituição da lateral em estudo, mas o 4º ano não, o que indica que as vocalizações da lateral na escrita diminuem com o avanço de escolaridade, tal como era esperado, com base em Cagliari (2002), segundo o qual as trocas de letras vão diminuindo com o avanço da escolaridade, visto que, ao estar em contato com a escrita, a criança perceberá que fala e escrita são sistemas diferentes da língua, e, ao internalizar as normas, diminuirá as trocas feitas. Essa divergência também sugere que as substituições realizadas pelas crianças em sua escrita não derivam de influência da fala na escrita.

As demais variáveis analisadas (posição na palavra morfológica – meio de palavra ou final de palavra; e sexo) não foram consideradas relevantes pelo Goldvarb X. A variável sexo também não foi selecionada nas pesquisas de Tasca (2002) e de Sá (2007), mostrando-se pouco relevante. O trabalho de Nedel (2009), contudo, mostrou-a como relevante, com uma frequência de variação da lateral maior por parte dos informantes do sexo feminino, com a vocalização de 333 das 459 palavras analisadas, o que equivale a 72% e a um peso relativo de 0,68.

Considerações finais

A influência da vocalização na escrita dos estudantes do 3º e 4º anos do Ensino Fundamental de uma escola da zona urbana da cidade de Alvorada/RS foi o tema desta pesquisa. Analisando-se os dados de fala e de escrita coletados com os estudantes, concluiu-se que não é possível dizer que o grafema que representa o fonema /l/ esteja sendo substituído na escrita das crianças investigadas em função da influência da fala na escrita. Isso porque, apesar de o processo de substituição ter sido similar em ambas as modalidades da língua, na fala o percentual de substituições foi maior e, além disso, as substituições não ocorreram nas mesmas palavras, ou seja, as palavras que sofreram vocalização do fonema /l/ na fala não foram as mesmas em que houve substituições da lateral em análise pelo grafema “u”. Esse resultado parece confirmar a tese de Abaurre (1999), segundo a qual nem sempre a criança se apoia na oralidade, pois sua escrita pode refletir o modo como ela pensa a estrutura da língua e a representação na escrita.

A análise das variáveis linguísticas e sociais também revelou resultados diferentes para os dados de fala e de escrita. Enquanto os contextos fonológicos anteriores à lateral /l/ favorecedores da vocalização na fala foram as vogais /e/ e /a/, na escrita, os contextos que favoreceram a substituição do grafema “l” pelo “u” foram as vogais “e”, “o”, “i” e “a”. No que tange às outras duas variáveis linguísticas em estudo, a variável tonicidade foi selecionada apenas para os dados de fala, revelando a posição átona como mais favorável à vocalização da lateral. Já a variável posição na palavra morfológica não foi selecionada como relevante em nenhuma das duas modalidades da língua.

Quanto à influência do tempo de escolaridade e do sexo dos informantes no fenômeno em estudo, cabe destacar que a variável sexo não foi considerada relevante pelo programa de análise estatística e a escolaridade foi selecionada somente para os dados de escrita, revelando que os alunos do 3º ano realizaram mais substituições do que os alunos do 4º ano, o que corrobora a afirmação de Cagliari (2002), segundo o qual as substituições vão desaparecendo à medida que avança o processo de escolarização.

Com esses resultados, pode-se concluir que nem todas as substituições realizadas na escrita pelas crianças investigadas são resultado da influência da fala na escrita. Isso se deve ao fato de a criança ter conhecimento sobre a estrutura linguística e não se apoiar totalmente na oralidade para escrever.

Referências

ABAURRE, M. B. M. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, R. R. (org.). *Aquisição de linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 167-186.

ABAURRE, M. B. M.; SILVA, A. O desenvolvimento de critérios de segmentação na escrita. *Temas em psicologia*, São Paulo, v. 1, p. 89-102, 1993.

AZAMBUJA, E. J. M. *A aquisição das líquidas laterais do português*. 1998. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: com especial destaque para o modelo fonêmico*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

CAPISTRANO, C. C. *Segmentação na escrita infantil*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

COSTA, C. F. A vocalização da lateral pós-vocálica como fenômeno neogramático do nível pós-lexical. *Organon*, Porto Alegre, v. 18, n. 36, p. 83-91, 2004.

COSTA, G. B. *O apagamento do rótico em coda silábica na escrita de estudantes catuenses*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

HORA, D. Variação fonológica: consoantes em coda silábica. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos (org.). *Encontro na linguagem: estudos linguísticos e literários*. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 81-101.

KOCH, I. G. V. Interferências da oralidade na aquisição da escrita. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 30, p. 31-38, 1997.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

MEZZOMO, C. L.; MOTA, H. B.; DIAS, R. F. Desvio fonológico: aspectos sobre produção, percepção e escrita. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 554-560, 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-80342010000400013>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342010000400013&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 17 ago. 2018.

MEZZOMO, C. L.; RIBAS, L. P. Sobre a aquisição das líquidas. In: LAMPRECHT, R. R. (org.). *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 95-109.

NEDEL, E. L. *A lateral pós-vocálica em Lages/SC: análise variacionista*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SÁ, E. J. *Variação do /L/ em coda silábica na fala de Arcoverde (PE)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

SIMÕES, D. *Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TASCA, M. *Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais: o papel dos fatores linguísticos e sociais*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

Recebido em: 7 de agosto de 2018.

Aprovado em: 4 de janeiro de 2019.